

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 20 DE JANEIRO DE 1894

EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " atazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em Junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos nos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, affirmo de que não lhes seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIO-A-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMARIO.—Historia dos sete dias—José do Egypto; O romance brasileiro: O Missionario—Araribe Junior; Sonho africano, soneto—Francisca Julia da Silva; Dia de Reis—Silva Tavares; Eterno assumpto, poesia—Alcides Flavio; Lili—Garcia Rodondo; Struggle of life, soneto—Luis Delfino; Vicios de linguagem—Horio de Godoy; A lucta—Leopoldo Brígido; Vigilia mortal, poesia—Magalhães de Azevedo; Gazetilha litteraria; Factos e Noticias; Correio—Enrico; Tratos á bola—Frei Antonio.

Historia dos sete dias

Sim, minhas senhoras, sou eu!

Sou eu, sim, meus senhores!

Eu—rubro, eu—bambo, eu—gago, eu tremulo de cólera.

Sete semanas havia que ás quintas feiras pela manhã, quando nesta ideal cidade do Riso, do Perfume e da Virtude as carroças da Gary poeticamente recolhem o lixo das ruas e as vacas bimbam bucolicamente de porta em porta, a distribuir o pallido leite de seus magros ubres, sete semanas havia que ás quintas feiras, nessa hora paradisiaca, eu me refestelava em frente do tinteiro fechado e da penna oxydada, estendendo-os, extatico de goso, docemente atascado até ao "gógó" na volupia do ceio, contemplava, em mente, deliciado, o doce quadro das torturas do Valmor a escavar a chronica, a parir a historia dos sete dias.

No gabinete claro, em que o sol infante travessava alegremente, dando espanadellas de luz na lombada dos livros arrumados nas estantes, inclinado, dobrado em dois sobre a linda secretaria adiosa, eu via o nosso Julio a suar, a cavoucar duro e firme... e ouvia-o suspirar afflicto... e refocilava no meu santo ocio, saboreando-lhe o soffrimento.

Via-o depois erguer-se, voltando para o Levante a bella fronte inspirada e es-campa e, sublime no seu ardor mental no seu "robe de chambre," avocar as

Musas bandoleiras, imprecar os céus, farejar o assumpto, mais que arredio—hypothetico:

—De que escrever, Apollo amigo, de que escrever, se as notas da semana continuam sendo de clarins guerreiros? se os casos historiaveis são ainda casos... "belli," se é Bellona, sempre Bellona e não Clio, Thalia, ou Polymnia quem ao apello me acode? Fazer "omelette" sem ovos, preparar café com leite sem leite, compor um "bouquet" sem flores, pintar sem pinceis nem tintas, oh! tudo é infinitamente mais facil que escrever uma historia—sem factos! Maldicto sejas tu, José, menos do Egypto que do Diabo, maldicto pelos seculos sem fim, por me haveres mettido nesta alhada!

E as lunetas de Julio Valmor tremiam e a dextra lhe tremia tambem, estendendo-se, prolongando-se pela janella afora, na direcção do meu "ubi"... e eu, refestelado, a chupitar o meu café com leite e a fumar um "misturado" e a regalar-me na leitura do "Correio" d'"O Paiz":—"SR. AMIGO DA LEGALIDADE—Sim. Dentro de poucos dias. Haverá aviso prévio. Tenha paciencia. 72 horas de antecedencia. Esteja tranquillo..."

Mas ainda não era isso o que mais me alagava de goso a alma: não era o delicioso espectáculo do soffrimento do meu amigo, nem o "misturado," nem as respostas da folha de que é secretario o jornalista de bocca mais pequena e mais bonita que tenho visto (não sois de minha opinião, gentis interlocutoras d'O PAIZ?), não, o que mais me deliciava, o que mais feliz me fez durante sete quintas feiras foi não receber pela manhã a visita do Fleiuss, a entrar-me o gabinete com o arruido de um tambor de festa em arraial e a alegria de um papagaio á chuva, a pôr-me em cima os seus olhos enormes, inundados da alegria de viver, e a dizer-me, a gritar-me de dentro do seu sorriso de labios rubros e dentes saos:

—Bom dia, José das Arabias! Venha de lá esse primor! Salta historia para cinco mil! (Porque esse extraordinario gerente até em mim proprio quer embutir o carapetão de que A SEMANA tem cinco mil leitores!) D'isso é que eu estive livre durante sete semanas—d'essa importuna e insupportavel visita de crêdor litterario... É agora estou tremendo... o ouvido á espreita... Ah! vem elle!... Não... É' o padeiro. Valha-me Deus!

Chamei ao Fleiuss credor litterario; mas que crêdor, meus confrades, que "cadaver"!

Eu, sua victima eterna, aqui vos deixo um conselho: não deves nunca um tostão de litteratura a esse descaravel sujeito. Não imaginaes o que isso é. Perguntae-o ao Rodrigo Octavio, ao

Fontoura Xavier, ao Julio Valmor... Não m'o pergunteis a mim, sobretudo á hora do jantar, porque não poderia dar-vos resposta... nem sopa, com a carne a mil réis o kilogramma e com 50 grammas de osso.

Elle desfere sobre a victima cartas e mais cartas, muito amaveis mas ferocissimas: "Querido mestre, um grande abraço e não esqueças o artigo... Que venha até quarta feira: o prometido é devido (sic). Espero-o com impaciencia, grande amigo e querido mestre!"

E um portador logo em seguida, com recado de bocca, "a buscar a resposta da carta," enviada meia hora antes! Um horror! A elle com rasoio teria applicado Balzac aquelle dicto em referencia a um credor que o não deixava respirar: "Ça commence a devenir musical!"

E é nas garras d'este homem sem entranhas que o tal Sr. Julio Valmor me arremessa novamente! Mas esse Julio é um monstro: mas esse Valmor é um fraticida!

Quando hontem Max, o Crú, me dobrou ante os olhos myopes e pavidos a cartinha em que o meu substituto, allegando a affluencia de trabalhos, lhe pedia que me avisasse para que presto lhe reassumissem o posto—o póste, é que é—a primeira cousa que fiz foi procurar uma cadeira e a segunda foi desmaltar... sentado. A terceira foi descompor o malvado.

Agora, que, por fas ou por nefas, tenho de receber-lhe a cruz, mais resignado á sorte impia, limito-me a não comprehender como pode esse homem relegar de si tarefa tão doce e tão proveitosa qual a de ser o historiador da semana n'A SEMANA.

Porque é preciso que se saiba, que elle não ganhava um vintem para nos contar as suas lindas e bem feitas "historias;" que tinha constantemente á ilharga, a reclamar-as o supradito Crú: que subia os não sei quantos degraus d'A SEMANA para vir rever as provas; e que não tinha assumpto, por cumulo de bens.

Pois bem; apezar de tantas e tão captivantes vantagens, esse homem não quiz continuar a substituir-me! Já é ser incontentavel! Que mais queria elle? Os canutões de coronel? Uma cajuada feita de caju? Os figados grammaticaes do Sr. Horto de Godoy ou uma costelleta de nephelibata?

Ah! mas eu vingó-me! Olá se me vingó! E sabem de que modo? Tirando a esse abominavel senhor a capa do pseudonymo em que andou sete semanas embrulhado, espalhando flores e perolas nesta folha.

Saibam todos quantos este virem que "Julio Valmor" é Silva Ramos, o suave e inspirado poeta, o gracioso e vernáculo prosador, bem conhecido mas não tanto quanto o merece.

Ao illustre compadre, digo: confrade, aqui e agora apresento e deixo os meus agradecimentos mais cordiaes e as minhas maldições mais rubras.

✱

Esperem... Ouço passos... Agora é "elle." Só elle sobe trinta degraus em meio segundo... Que lhes dizia eu?

—Bom dia, José! Como estás? Bravos! Já sentado á banca! A que horas temos isso prompto?

—Aqui tens já. Toma e some-te!

E sumio-se, radiante, com uma das duas libras da minha carne no bolso, o adoravel Shylock.

JOSÉ DO EGYPTO.

O ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO — Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

I

O MISSIONARIO é um livro que entonce, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas paginas ha tanta vida quanto pode existir em uma obra copiada do natural. Embora se trate de um trabalho feito por um escriptor sobrio e comedido em suas manifestações, vê-se que o autor do MISSIONARIO possui grande vigor de imaginação, intensidade passional e esse colorido quente peculiar a todos que têm convivido com os habitantes da zona equatorial. Paraense nascido em Obidos, o Dr. Inglez de Souza, durante os primeiros annos de sua vida, perlustrou as margens do grande rio e ahi recebeu as impressões que deviam enriquecer a palheta do paizagista. Grande analogia existe entre a placa photographica e a sensibilidade humana. Expoz-se qualquer poeta ao sol abrasador d'aquellas regiões magestosas e tel-o-ão transformado em um colorista de primeira ordem. Foi o que succedeu com o escriptor de que me occupo. A força suggestiva da vida amazonica dominou-o como um facto que tem sido celebrado por todos os viajantes. Não ha livro escripto sobre o Amazonas que se não resinta de um colorido singular. E' ao maravilhoso d'essas tintas que devem todo o seu valor artistico os livros de Emille Carrey, de Gomes de Amorim, de Agassiz, de Bates, de Herbert Smith.

Eu mesmo que escrevo estas linhas, ainda hoje quando me recordo das scenas que alli observei, menino, sinto o arripio de uma forte sensação retrospectiva; e, no sossobro do entusiasmo, julgo antever a phrase emotiva que revigora a expressão litteraria. Ainda hoje e com a mesma grandeza passam por diante dos meus olhos aquellas mysteriosas e selvagens florestas dominadas pela monotonia soberana de rios indifindaveis. Tremeo pensando nos perigos do Guamã, e de subito sinto-me, como outr'ora, arrebatado n'uma igarité tripolada por indios mansos, descendo o rio ora de bobuia, ora ao esforço vigoroso do braço do mundurucú, abrigado sob um toldo de guaramã.

Cabria a tarde rapidamente, e, segundo ouvira dizer, perigos indefiniveis nos ameaçavam. Era preciso, portanto, que a canôa alcançasse a "espera," antes de escurecer. Os indios, então á ordem do capataz, curvaram-se sobre os remos, e, sem protesto amiudaram os movimentos.

A igarité resvalou pelo meio da corrente como um patinador por sobre o gelo.

Vieio a noite; entretanto não chegavamos ao ponto determinado. A escuridão já era grande, e os reflexos apenas das estrellas destacavam das margens as massas escuras dos arvoredos, que se deitavam sobre as aguas. Em baixo seguia o rio silencioso por entre selvas negras e alagadas, que pareciam boiar como plantas aquaticas opulentas, collossaes, cobrindo a superficie sinistra de um lago immenso.

Tudo parecia endurecido pelo silencio. Os remos mal ciciavam; na tolda o estupor da solidão abafava as vozes dos tripolantes. Ao meu coração tranzido de medo, a callidez do ambiente, precursora da tempestade, antepunha o frio predecessor das emoções causadas por uma marcha para o desconhecido. Os remadores á prôa da embarcação oscilavam como phantasmas. As folhas dos iugás, quando passavamos em baixo de alguma moita, não se moviam. Com intervalos muito longos, da matta partia o pio angustiado da urutáo ou o ganir do cão silvestre. Adiante fustigavamos o rosto a vibração violenta do ar, ferido pela aza do morcego. A sornuidade d'esse scenario trazia-me o sangue gelado nas veias como se o sobre-natural alli estivesse acenando do escuro em illusões vertiginosas de espectro solar, de gemidos distantes, surdos e plangentes, de uivos entrecortados e dilacerantes e de ronos de sucrujubas gigantescas.

—Ella ahi vem; disse por fim um dos mundurucús.

—Ella quem? perguntei eu no auge do pavor, procurando sorprehender nas palavras de todos um amparo contra o perigo que se avisinhavá. E alguém alli perto de mim, com a voz aguda dos sinos em alarma, sussurrou que seria talvez a pororoca, mas que a "espera" felizmente estava á vista.

Recrudescu a velocidade da igaraté; e, na escuridão, sem que percebesse nitidamente o que se passava, senti que sahiamos da grande correnteza para entrar num leito mais estreito.

Houve uma sensação de alivio. Os indios mansos começaram a falar, e um torrão de almecega acceso foi posto á prôa da canôa. Então pude vêr que tínhamos penetrado num igarapé. A' amplidão do Guamã succedia a angustura de um canal, em que as arvores esgalhadas e abraçando-se de lado a lado occultavam os unicos fogos que nos guiavam,—os das estrellas. De quando em quando gravetos e cipós raspavam o toldo de guarumã. Os remadores, desembaraçados das pás, afastavam os ramos e iam arrastando a igaraté quasi por assim dizer atravez do mattagal.

Numa volta estacou a embarcação; existia uma aberta no matto, alguma coisa se assemelhava a um ponto de passagem de antas. A influencia das aguas difficilmente chegaria até alli, diziam. Todavia a igaraté foi encalhada e amarrada por cordas aos troncos marginaes.

Para mim as recordações do que se seguio são vagas e neste instante apresentam-se-me ao espirito adornadas dos tons fugitivos e fulgurantes de uma magica theatral.

Um dos selvagens tinha me tomado ao hombro e depois me collocara em terra. Ao clarão da almecega fomos conduzidos todos para região mais elevada.

Passaram-se minutos. Um clamor ao longe, muito ao longe, se fez sentir no

espaço; silencio; novo clamor; fragmentos de rumores desconhecidos espalham-se dilacerados pelo vento da floresta. Os ouvidos difficilmente apprehendem a symphonia de ruidos mysteriosos que se avisinha. Era a pororoca que emfim chegava.

Um rugido indescrível atroou nos ares, propagando-se em mil outros tons que se perdiam pelas arcarias da selva sem limites, e num crescendo diabolico, ao qual pareciam assistir todas as bigornas do inferno invisível, a onda alva e espumante, de longe mal presentida, aturdiu-me até á paralyzação do sentido auditivo.

E assim passou por junto de nós todos tranzidos o pesadelo da natureza amazonica. Investindo as aguas tranquillias do Guamã, a pororoca tyranisava as florestas vergadas sob a agonia de sua raiva epileptica.

Os mattos estalavam; desarraigavam-se arvores collossaes; subia a agua em espumas até ao ninho das aves; a fauna e a propria flora, desperta de seu somno, lançava o alarido de socorro.

Insensível, porém, a esse alarido infernal, a onda avançava sempre; e um brado superior, a todas essas vozes, dominou a amplidão.

Enorme, revolta, furiosa, entalada entre duas massas escuras, devastando, destruindo, deitando por terra tudo quanto obstava a sua passagem, a onda soberana, como o genio sombrio d'aquelles rios, desapareceu no mysterio como d'elle havia surgido.

As aguas mortas do igarapé, impellidas até quasi o oiteiro para onde nos haviamos abrigado, foram se escoando a pouco e pouco; e a floresta, tornando á primitiva quietação, de repente balsamisou-se dos aromas exhalados das hervas despedaçadas pela violencia da torrente. A' tepidez da atmospherá, congestionada pela electricidade, succedeu o frescor produzido por uma aragem solicitante e bemfazeja.

Passaram os banzeiros; voltámos á canôa e d'ahi a instantes, á força de remos, corriamos, rio abaixo, em busca do Bojarei...

II

Abrindo as folhas d'O MISSIONARIO sinto-me de subito transportado a esse Pará que conheci na minha puericia. Vejo-o vivo, quente, luminoso, como se a fada do romance me houvesse tocado com a sua vara de condão e me convertesse em habitante d'aquellas regiões.

Embarcado na phantasia de escriptor que manobra um estylo ductil e cristalino, acho-me na villa de Silves, e assisto a todas as intrigas do logarejo. Todos os graúdos da terra me são apresentados; e scenas curiosissimas desenrolam-se diante de meus olhos absortos.

Aqui está o Sr. Macario, sachristão da matriz de Silves, mixto de devoção e velhacaria, não obstante julgar-se o "machiavelismo" em pessoa. Nada mais interessante do que esse typo de rato de sachristia com as suas pretensões a sacudir poeira nos olhos dos freguezes e á dominação politica da villa por meio da tutella que suppõe exercer sobre um vigario moço e inexperiente.

Agora é o Sr. tenente Valladão, subdelegado de policia, "magro, esgrouviado, e tísico," mas não obstante isto "muito boa pessoa" e respeitavel tanto pelo comprido cavaignac grisalho, como pelos seus oculos imponentes.

Mais adiante surge o collectos das rendas geraes e provincias o Sr. Manoel

entes da Fonseca, influencia politica no logar, negociante importante e honra de toda a consideração, sem embargo da grande barriga que o precede da barba sempre feita que lhe dá a feição sacerdotal.

E não tardam a apparecer as outras notabilidades da heroica villa: o presidente da Camara Municipal Neves Barreira, tambem "muito boa pessoa," "cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo Cordeiro;" — o professor Grego Annibal Americano Selvagem Brazilleiro, segundo era voz publica, intelligente e serio, e além d'isto mulato de olhos de tartaruga; — o logista Joaquim da Costa e Silva, proprietario de uma boa loja de modas á rua do Porto, bazar onde se vende de tudo e se corta na pelle de todo o mundo, homem tambem muito honrado, apesar de "fazer commercio de regatão mais por divertimento do que por necessidade."

Esta sociedade minuscule de Silves var apparecendo á proporção que as paginas do livro se desdobram; e aqui, ali, além, vou encontrando figuras al-pures entre-vistas em aldeias do sertão.

Por ultimo exhibe-se o typo completo e acabado do publicista da roça. Eis-me em presença do Sr. Xico Fidencio.

Este personagem, diga-se a verdade, é um dos mais bem apanhados especimens da fauna social brasileira. Eis typo pobre o qual se move toda a primeira parte do romance; elle representa bem o papel do diabo solto num povoado, onde uma metade do povo é ruim e a outra imbecil, com rarissimas excepções.

A psychologia desse individuo é feita com cuidado e apuro e o seu retrato trabalhado com amor.

Xico Fidencio é um sujeito de educação truncada; arribado do sul, charlatão de marca, dotado de loquella inestinguivel e de uma "vis scribendi" furibunda, tinha tomado Silves de assalto, e procurava supplantar os matutos com uma linguagem lardeada de latinorios e de citações historicas fais-cadas nos compendios e no Cesar Cantú.

O enredo em pessoa, batido em sua mediocridade pelas forças sociaes onde quer que pousara antes de chegar a Silves, vingava-se agora das injustiças da sorte apossando-se d'aquella pobre gente para, "in anima vili," pôr á prova a alta capacidade intellectual de que se suppunha dotado. Assim o charlatão se constituirá o oraculo do povoado, o explicador de todas as coisas difíceis, arauto da moral publica e chefe virtual de todos os motins e agitações movidas nas redondezas da lagôa de Saracá.

Ao tempo em que se passa a acção do romance dirigia a Diocese do Pará o bispo D. Antonio de Macedo Costa e a questão maçonica percorria o periodo mais agudo.

D. Antonio procurava reanimar o valle do Amazonas, insufflando nos indios, pela catechese, e nos regatões, pela predica, o espirito christão. Em seus aureos sonhos até imaginara a creação do "Christophoro, cathedral fluctuante e phantastica, que singrando pelas aguas do grande rio, iria attrahindo ao seio da igreja pelo grandioso das harmonias, qual novo Orpheu, não só os habitantes das selvas, mas tambem os especuladores de especiarías materializadas pelo demonio da ganancia commercial. Estas e outras tendencias mysticas eram então alimentadas pelo seminario maior de Belém, de onde saham todos os annos alguns padres

dedicados á causa, e ainda mais pelos jesuitas que do collegio latino-americano de Roma vinham auxiliar a obra iniciada pelo prelado. Pode-se, portanto, calcular como ao surgir a questão maçonica, estas machinas padreesas deviam irritar os maus de temperamento e os que de ordinario gostam do escandalo e se alegram com o espectáculo da perturbação das consciencias.

Xico Fidencio, pois, em Silves fez-se o defensor da liberdade e o arauto do "Bode Preto;" e apparelhou-se em opposição systematica a tudo quanto cheirasse a sachristia. E' facil adivinhar em que livros foi o atrabiliario mestre-escola buscar os logares communs de polemica religiosa com que devia espantar a burguezia matuta da infeliz freguezia que lhe coubera por sorte.

O vigario de Silves na epoca de que se trata, era um homem de moral pouco segura e cúmplice de todos os costumes de seu tempo. Estava pois indicado o ponto de partida para a campanha e o romancista em uma pagina magistral nos mostra como o Fidencio se desempenhou d'essa missão.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa.)

SONHO AFRICANO

Eillo em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla; a um canto um velho e her-
[vado flimbo.
Entrando, porta dentro, o sol lhe forma um nimbo
Cór de cinabrio em torno á carapinha densa.

Estira-se no chão... Tanta fadiga e doença!
Espreguiça, bocejão... O apagado cachimbo
Na bocca, nessa moça escuridão de limbo,
Molle, semi-cerrando os dubios olhos, pensa...

Pensa na longe patria... As florestas gigantes
Se estendem, sob o azul, onde cheios de magia,
Vivem negros pituns e enormes elephantés...

Calma em tudo; dardeja o sol raios tranquilos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se, á tona
[d'agua.

Em compacto arpetão, os velhos crocodillos...

S. Paulo, 6—1—1894.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

DIA DE REIS

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Amanhecia ainda e a estrella d'Alva,
fulgurante e bella, desmaiava em lan-
guores pelo céo divino.

A alvorada subia, uma alvorada feita
de cantos e de endeixas biblicas, onde o
calor das musas tropicaes juntava um
quente e um rubro longe ás scenas bem-
ditas da tradição lendaria, que as trovas
simples e merencolicas traduziam e
lembravam.

A filha do fazendeiro gorducho, an-
ciosa e garrula, deixava o leite e abria
as cortinas do seu "habitat" risonho
— um sotão espaçoso e delicado, a en-
cimar a casa de vivenda, a antiga mora-
dia encantadora de uma antiga familia
de lavradores intelligentes e amigos.

"O' de casa, nobre gente,
Vinde fóra e ouvireis..."

Psalmodeava o coro stentorico dos
"cabras mãos" acompanhados a cordas
por uma banda inteira de violas, afina-
dissima e sonora.

"Da parte do Oriente
São chegados os tres Reis.

E depois, seguindo uma esfusiada
alegre de metaes, um tilintido harmo-
nioso de repiques e batidos, privilegiados

ponteios e rasgados promptos, — a toada,
de novo, entremeando a boa graça in-
fantil e saloia aos accents sagrados e
mysticos, de um velho perfume agra-
davel e honesto, sincero, bom, profundo,
da poesia travadora antiga e festeira do
Menino Deus, vindo entre os homens.

Sentia-se ali o ar do campo e a sim-
plez das cousas que vivem sem artificios
nem esgares, o ar puro que dá aquelles
peitos oxygenados e vibrantes, de calxa
forte e salientes clavículas rudes e pes-
santes, de labor e coragem, abnegação e
desprendimento do dinheiro, do mal, da
ambição e do orgulho matreiro, varioso,
da cidade e do bulicio.

— Vamos dar cachaça a estes malu-
cos, Dona! — convidou o fazendeiro
enfando as chinellas e descendo a
escada, enquanto a boa mulherzinha ia
ao armario e apparelhava uma garrafa
para os musicos tirarem o jejum e
"abrir o corpo."

— Pois então vocês não têm mais que
fazer senão vir acordar a gente com
cantigas, seu Matheus? Olha só o diabo
do cabra com ome olha sonso! Levanta
essa cabeça, patife!

"Raça de vagabundos! dizia afinal o
velhote a rir-se, satisfeito das pilherias,
espiondo a cara desconfiada de alguns
da banda, que não lhe conheciam o genio,
e pedindo, afinal, uma valsa, mas uma
valsa bonita e nova, para variar e ale-
grar aquellas tristezas dos "reis," que
elle detestava — dizia — fingindo sempre,
como lhe era natural e sabido.

Descia ao tempo a Rosinha, e as re-
quintas se apresentaram a substituir as
violas, o ophicleide antigo de chaves á
voz barytona dos sólistas e côro da fa-
randula grata de mestre Matheus dos
Passos e seu filho Eugenio, o mais velho,
aquelle que elle um dia quizera ver
ainda "na corte," entre glorias e trium-
phos; pobre velho e pobre pae sonhador
e triste, mas de uma tristeza não des-
consolada e amarga, sim a tristeza mas-
cula de artista e de resignado, varonil e
ruidosa, tristeza alegre e sem ironias,
por fim, de que só na roça existe ainda
talvez a amostra exemplar e rara.

Tres compassos de entrada soaram,
originalmente talhados e ridentes, uma
valsa ternã e poetica seguio-se, e era
de contemplar com desvelo a ternura
do velho mestre acompanhando com
amor a requinta apaixonada do filho, o
pobre auctor — virtuose executante, ca-
bisbaixo e timido, em cuja face nada se
lia, enquanto que as suas notas chora-
vam pela sala, enchiam tudo e lambiam
gementes a pyra extincta de um éstro
morto e estiolado, como branca ane-
mona, ali onde outr'ora houvera talvez
um cactus vermelho de inspiração e de
amor, gloria e desejos que mal agora se
definiam sequer, no olhar velado e mor-
bifero do alentado "cabrocha" Intelli-
gente e humilde, sympathico e bem
lançado no gesto maneiroso e distincto.

Terminou saudosa a melodia pedida,
circulou a "giriba" em um só calice, de
fórma e gosto secular, e a banda er-
guem-se de novo para retomar as violas
e o pandeiro-adufo, em que umas fitas
brincavam ás voltas, dando aspecto fes-
tivo a tudo com revolteios de flammula
em boda alegre e campezina.

Seguiu a farandula a despertar na
estrada o passaredo com as suas flautas
e cascateios de rima chilreante e sonora;
o sol erguia a ponta de véos neblinosos
matutinos, e a Rosinha ficava á janella,
pensativa e doce, num olhar compassivo
de orgulho triumphante da sua realza

formosa de anjo, olhando a natureza em festa e ouvindo os rumores da banda agreste, fugidia pelas encostas do burgo em fóra, além, além... muito além.

Juiz de Fóra, 1894.

SILVA TAVARES.

ETERNO ASSUMPTO *

Se eu espalhasse pelo mundo a fria e insuperável dôr que me devora, e o meu orgulho por tal fim calcasse,

Talvez da multidão frívola um dia, um segundo, um minuto, acaso uma hora, tivesse o chasco me gilvando a face.

Fôra-me então bem triste e desenlace d'esta paixão... tristissimo. Annos tantos tudo encobrir, mostrar-se venturoso, e após tanto martyrio silencioso manchar de risos os sagrados prantos.

Menos cruel emtanto o torpe insulto do que o cancro esconder, soffrel-o occulto... Mas soffrerei, que amor o determina: Nem um momento assim terá censuras a immaculada mão que me assassina.

1889

ALCIDES FLAVIO.

* A forma d'esta composição, que ainda não foi, ao que me consta, usada em portuguez, não é arbitraria. Vide: D. "Quijote de la Mancha." part. I, capit. XIV, "Cancion de Grisostomo."

LOLI

(VIAGEM PELO PAIZ DA SAUDADE)

A' Elisa

Numa destas manhãs alegres de verão tépido e aromatico em que a natureza inteira canta e ri, minh'alma, cheia de tristeza, pediu-me um conforto intenso.

E, ouvindo o chilrear da passarada em jubilo e o hilariante estridulo da cigarra em nupcias, subi a encosta que leva á mansão dos mortos.

E allí, entre rosas e jasmims cheirosos, procurei o marmore branco que guarda o corpo ainda mais branco d'aquella que enflorou os meus dias durante tres annos felizes.

Havia muito sol pelas lousas e muito cantico pelo ar; mas no meu coração havia a sombra da tristeza e nos meus olhos borbulhava a dor.

No alto de uma casuarina, um pintasilgo debruçado á beira do ninho pipilava contos de fada á doce prôle silente e, em baixo, occultos sob a terra quente, uma legião de grillos grazinava o seu cri-cri amoroso, abençoando o bom sol creador e fecundo.

Tudo ria, tudo cantava nessa região da tristeza. O lyrio branco fazia madrigaes ás rosas e o manacá oloroso segredava amores á violeta pudica. Aqui, allí, por toda a parte, a héra abraçava os troncos, os muros, os marmores num amplexo luxurioso de sultana lasciva; e, ao longe, um trabalhador pertinaz desafiava o melro com o seu assobio melodioso e são.

A natureza inteira rejubilava-se numa alegria communicativa, num prazér ruidoso, que ia do verme á ave, do ninho á flor.

E estes risos todos invadiam-me a alma como um grande sarcasmo atirado á minha desdita.

Sobre o marmore branco onde só ha um nome—Laura (ou Loli, como ella propria se designava)—um punhado de rosas emmurcheia; mas, d'entre ellas surgia um botão que, longe de fenecer, deixava-se desabrochar, como um protesto ao languor das companheiras.

Então, emquanto a passarada cantava e o trabalhador enchia o ar com o seu assobio melodioso e são, no meio da grazinada dos grillos e das cigarras, eu retirei as rosas murchas de sobre o marmore e cobri-o de flores frescas e viçosas

Muito tempo, muito tempo eu consumi a dispor com arte estas flores cheirosas—pedaços de minh'alma—que tinham de ficar ali velando por ella, acalentando-lhe o eterno somno e povoando-o de sonhos perfumados.

Lembrei-me então, que fóra assim, por uma manhã risonha, que ella viera ao mundo entre rosas e boninas, entre beijos e caricias.

E, como as rosas, ella vivera um instante,—tres annos só!... o tempo preciso para se deixar idolatrar e... partir.

Um indifferente, um d'estes infelizes, sem mulher, sem filhos, talvez sem mãe, que atravessam o campo da vida sem plantar uma arvore, sem colher um fructo, sem estancar uma lagrima, passou juntou a mim, trauteando um trecho de musica alegre e petulante.

E, ao ver-me, encostado ao marmore, enchendo-o de rosas e de caricias, este desgraçado parou e repetiu o nome, que minhas mãos affagavam.

Depois, sem se aperceber da minha dôr, recomeçou a trautear a mesma musica e seguiu por entre os tumulos como uma sombra errante.

E eu pensei que, em todo aquelle vasto ambito, não havia talvez uma campá que lhe guardasse um ente querido, onde elle fosse lançar um goivo ou desfolhar uma saudade.

Era de certo mais desgraçado do que eu esse feliz, tão infeliz que não tinha um pezar.

O sol esquentava e mordida-me fortemente a epiderme. O marmore, o meu querido marmore, alvejava ao sol, circumdado de grinaldas, mosqueado de flores, por entre as quaes sobresahia a flor mais bella—aquelle nome querido—que falla á minh'alma na linguagem dos anjos.

E, desse marmore subia para o ar uma onda de perfumes suaves, tão suaves que a pouco e pouco suavisaram, dulcificaram a minha dôr.

Sentindo-me reconfortado por aquelle aroma indefinivel, eu, quasi alegre, sem pejo, sem constrangimento, encostei a minha bocca ao marmore e osculei-o demoradamente.

E, pareceu-me então que o marmore, no ponto em que eu havia encostado a minha bocca, se adelgaçava, se diluía ao contacto dos meus labios quentes e que, do outro lado, outros labios procuravam os meus e a elles se uniam num osculo ardente e santo.....

Quando volvi á casa, uma hora depois, todo o jubilo intenso e infrene da natureza tinha-me invadido a alma.

Comecei então a comprehender a linguagem das flores e o cantico das aves.

E, emquanto eu ouvia as rosas murmurarem á minha passagem—"Nunca mais!... nunca mais!" um pintasilgo, talvez o que acalentava os filhos na casuarina, e que d'elles se lembrava, disse-me:

—Sê feliz. . . sê feliz.

E do seu biquinho cahiu uma perola de orvalho, que me pareceu uma lagrima.

S. Paulo, Março 1893.

GARCIA REDONDO.

(Do livro Inedito "Caricias.")

STRUGLE OF LIFE

(NUVENS E RAIOS)

Ful-me viver nas sombras da floresta,
Viver ali só, ahí só buscar repouso,
E a serena alegria, e o intimo gozo
Do céu cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada d'isto achei, e ousou
Crer, que ninguém a paz haurira nesta
Mentida calma: um véu delicioso
Cobre o odio, e a tração, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta
Do lyrio a larva immunda, e o insecto — e ouço
O rumor surdo d'aspera disputa

Do berço á flôr, do pranto em grilo ao fosso:
E dão o amor da vida e o horror da luta
Armas no verme, espantos ao colosso...

LUIZ DELFINO.

VICIOS DE LINGOAGEM

Subordinada a esta epigrapha, recebemos uma nova carta do Sr. Horto de Godoy (pseudonymo) em resposta ás observações que á primeira fizera em o n. 20 d'A SEMANA o nosso illustrado collaborador Julio Valmor.

Representando esta segunda carta uma defesa e havendo nós inserido a primeira, consideramo-nos no dever de publical-a tambem.

Mas tanto a Horto como a Julio pedimos, pelo amor de Deus, que não estiquem a questão.

Olhem que umá querella grammatical é calamidade quasi tão grande como um terremoto ou uma inundação!

Eis a carta:

SR. REDACTOR. — O meu humilde artigo, inserto em o n. 20 d'A SEMANA, valeu uma severa contestação da parte do seu illustre chronista, o Sr. Julio Valmor.

Voltando a campo, faço o papel de David em lucta com o gigante Goliath, lucta desigual mas proveitosa, visto que da discussão sae a luz.

Humilde, desconhecido, sem competencia, não ousaria sahir ao encontro de um gigante experimentado em armas, si a tanto não fosse chamado.

Antes, porém, de ferir o alvo, tenho a lamentar que o Sr. Valmor, tractando de assumpto serio, como promettera a uma "gentil interlocutora," venha nos sahindo com lettreiros de "estrebarras," etc.

Não foi serio nesse poncto, e "a gentil interlocutora" deve manifestar-lhe pezar por isso.

Quanto ao termo "projectis," deixo-o entregue ao Sr. João Ribeiro e ao publico que nos lê: ao primeiro mandará corrigir o preceito grammatical; ao segundo satisfará, explicando-se melhor.

"Agora visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio-Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparei com muitos termos estranhos."

Vou satisfazer-lhe a curiosidade.

Abra o livro—Vocabulos e Locuções da Lingua Portugueza, do Sr. G. Bellegarde, pag., 39, v. Deparar, e leia até á pag. 42, onde encontrará:

"Perguntar-lhes-iamos se "deparam com" espectaculos semelhantes nas antigas republicas gregas...

(A. F. de Castilho — Proemio á traducção das PALAVRAS DE UM CRENTE, pag. 16).

“Nacaca “deparara” co’estes paços.” (Garret, D. Branca, c. 4º, pag. 93.)

“Deparei com a cara sciencia de um santo e venho exhibir-vol-a!” (Padre Senna Freitas — Jesuitas, traducção, vol. 1, pag. 89.)

O Sr. Valmor concordará que — “deparci com” bons companheiros.

Veja o que dizem Pacheco Junior e Lameira de Andrada sobre o “se” Gram. Port. pag. 482.

Consulte Grivet — Grammatica Analytica, publicada em 1865, pag. 189.

Terminando sua argumentação, Grivet cita o seguinte trecho: “Nini, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: endava-se, de porta a porta, não menos que em tres dias de caminho” (Padre A. Vieira) Isto é... “a gente” andava, de porta a porta etc.

Ora, si nos exemplos de Pacheco Junior e L. de Andrade e nos de Grivet, como este, pode-se dizer “a gente andava” etc. porque naquelle outro — commummente se lê, “etc., não se pôde dizer: “commummente a gente lê pelos jornaes, etc.?”

Si o “se” pode servir de eujeito em um, pode servir em outro caso também.

O Sr. João Ribeiro diz em sua — Grammatica Portugueza, 3º anno, pag. 268, terminando a argumentação sobre “se”:

“A litteratura contemporanea, tão approxmada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso do “se” como sujeito, apezar da resistencia que a isso oppoem os grammaticos.”

Poderia discutir mais longamente a questão, mas não quero enfadar os leitores com insulas pretensões de “sablhão.”

Termina o Sr. Julio Valmor dizendo: “Complanc-me o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraçadas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moracs em punho, dar caça sem treguas nem mercê aos estranheiros de má raça.”

Poderia aceitar o convite, si o Moraes não estivesse cheio das taes “corcovas.”

Leia o que diz o Sr. Aulete no “Dicionario Contemporaneo,” publicado em 1881, sob o titulo — PLANO.

O Sr. Valmor deve concordar comigo que — a bella linguagem portugueza, tão querida de Francisco Rodrigues Lobo, anda “remendada como capa de pedinte” e a causa principal disto é que nós não queremos sujeitar-nos a aprendel-a bem.

Os jornaes andam sempre abarrotados de grossas asneiras, devido tão somente ao descuido, ao desmazelo, ao pouco caso “dos naturaes da lingua.”

Depois que os “dez poetas” tomaram aquella grande tunda, depois da critica terrivel feita ao livro do Dr. V. de Castro, não se deve admirar que o desconhecido rabiscador Horto recebesse lições de Julio.

Agradecendo summamente a lição gratis, fico á disposição do illustre chronista.

Rio-Claro, 1894.

HORTO DE GODOY.

A mesma paisagem nos parece alegre ou triste conforme o tempo; e a mesma opinião nos parece sensata ou insensata segundo a impressão que nos domina no momento.

JULIO SIMON.

LUCTA

Em meio do capinzal, ao pé do morro, proximo ao leito do caminho de ferro, quedava um touro — forte, grande e bello, que viera dos sertões longinuos, onde se estendem as campinas claras, para os pastos da fazenda. Era um animal raro, o mais bonito, o mais valente do seu campo nativo.

Tinha o pello preto e luzido, com uma larga mancha branca no dorso potente. O seu aspecto era todo de glorias e de força, quando corria pelas varzeas, balançando pesadamente o corpo solido, fazendo tremer o chão com as patas rijas, ou quando escarvava a terra e urrava altaneiramente, levantando o fucinho ao sol. Era indomado; e nunca tinha visto uma habitação humana antes de ter sido preso, ao decidirem vendel-o: luctava então desesperadamente, fatigava dias e dias os vaqueiros mais esforçados refugiando-se raivoso e indignado pelas varzeas e pelos mattos, apegando-se, com um amor e uma valentia de heroe, á liberdade que lhe queriam roubar. Depois fôra outra série de esforços quando o trouxeram em meio da boiada numerosa, pelos caminhos agrestes, marchando dezenas de leguas, por longos dias e noites; havia sobre elle uma vigilancia continua e tenaz, pois o animal mostrava-se temeroso, ao sentir-se assim levar á força, atravez d’aquelles campos vastos, d’aquellas serras ricas, por onde elle podia escapar-se, destemido e livre.

Chegado á fazenda nessa manhã, soltaram-no logo a pastar. E o touro estacara alli muito tempo, de pé, sentindo-se livre, em meio do largo valle dourado do sol, mirando as aguas claras do rio, que rolava perto, marulhante e vasto, sorvendo o cheiro grato do capinzal vicejante; mas desconfiado e surpreso d’esse paiz que lhe era desconhecido, — e olhando longamente para os trilhos do caminho de ferro, que contornavam o morro perto, e seguiam para além, em linha recta, symetricos e negros, sobre o terreno vermelho da estrada.

Eram dez horas, o sol fulgurante subia num céu azul clarissimo, e banhava vivamente tudo; o rio parecia estorcer-se de goso sob a luz macia e fina; os galhos altos das arvores da margem e do cafesal que cobria o morro scintilavam como prata, movendo-se á aragem morna e calada que soprava. O corpo negro do touro tinha um brilho de ebano polido, a mancha branca no dorso espelhava vibrantemente; e por todo elle passava uma leve ondulação voluptuosa, que produziam a caricia do sol e o sopro delicado da brisa.

O touro fitava longamente, melancolicamente, a estrada extensa e vermelha. De repente recuou, poz-se estatico a vinte passos longe, como á espera de um ataque: um ruido pesado e crescente abalava o chão, um tremor passava pelos trilhos; e logo um silvo altissimo e vibrante partio pelo ar. O animal violentamente voltou-se, de um salto, e avistou ao longe um trem que se approximava, rapido e ruidoso; um forte estremecimento sacudio-lhe o corpo todo, e os seus olhos fitaram com espanto e raiva aquillo que caminhava para elle. A pata forte e pesada cavou o chão, — o touro estava prompto para o ataque.

Aquelle estranho animal grande, negro, fumegante, que rolava como uma tempestade, que rugia cem vezes mais

forte que elle, tornou-lhe o peito frio de espanto e de admiração; mas o sangue valoroso da raça agitava-se, bramia; o monstro não o devoraria indefeso; o touro queria luctar, luctaria com o ardor grandioso de um sêr bravo, livre, destemido, que tem innato o odio de outra especie; queria luctar, queria morrer feliz e orgulhoso, esmagado sob as patas do cyclôpe...

A locomotiva audaz vinha cada vez mais perto, negra e altiva, arrastando a cauda gigantesca. Quando a uns dez passos de distancia, outro silvo cortou o espaço; — e o touro, com o dorso elastico, os olhos inflamados, rapido como uma bala, abateu-se furiosamente sobre o trem.

Um grito altisono e soberbo de agonia prolongou o silvo da locomotiva. Quando o comboio passou, ostentava-se sobre os trilhos a carne rasgada, rubra, fumegante do animal, o sangue golfante ensopava o chão vermelho, fazia manchas destacadas pelo caminho a fora, como um rastro victorioso, e salpicava ainda das rodas do ultimo wagon, que fugia rapidamente por detraz do morro.

LEOPOLDO BRIGIDO.

VIGILIA MORTAL

Bato ás portas do Somno. “E’ escura a noite — llorado —” eu morro de angustia e de fadiga! A essa negra tormenta ha quem se affoite? Ha ser que tanto mal bata e persiga?

Abre-me o teu palacio, Fada amiga: Dá-me um leito de olvido em que me acoite!” Ninguém responde. O trovão rugi; o açoite Da ventania as faces me fustiga...

E é fechado o palacio, onde, no encanto Das miragens, se esquece este enfadonho Mundo... O somno me foge, e eu soffro tanto!

E, no clarão de relampago medonho, Vejo, transido de terror e espanto, O sonho horrivel que acordado eu sonho...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

GAZETILHA LITTERARIA

O nosso projecto collega do JORNAL DO COMMERCIO, na noticia com que amavelmente accusou a publicação do nosso numero ultimo, disse: “Além da historia dos sete dias e de poesias “algumas ineditas” etc.

Devemos informar ao collega e a todos os leitores que os trabalhos publicados em nossa folha, em prosa como em verso, são todos ineditos, salvo excepções rarissimas.

Pôde muito bem acontecer, e já tem talvez acontecido mais de uma vez, publicarmos trabalhos não ineditos; mas podemos assegurar que os recebemos na crença de que o eram, e manuscritos; o que é perfeitamente desculpavel, visto que não é possivel ler e conhecer tudo o que se publica por ahi, mormente na imprensa estadual.

Não transcrevemos, como regra geral; como excepção, porém, ou declaramos a origem de escripto reproduzido, eu não o declaramos, por havermos obtido autorisação prévia para isso do collega que primeiro o publicou.

Pequena, modesta, insignificante embora, A SEMANA, no caso de lhe impingirem cousas publicadas por ineditas, lançará ao “Index” o nome do collaborador que tal deslealdade haja commetido.

□ Não se recusa a republicar; mas deseja, quando o fizer, que seja isso considerado

uma prova, alta e grande, de apreço á obra e consideração ao autor, e, sobretudo, não quer ser "embrullhada."

Ahi fica de uma vez por todas a declaração.

Para o nosso primeiro concurso de poesia recebemos mais dois trabalhos—um com a legenda QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA e o outro com a de QUERER É PODER.—que pela segunda vez é usada. Para distinguirmos dois trabalhos vindos com este distico puzemos no primeiro a letra A e no segundo a letra B.

Dentro de alguns dias annunciaremos os premios.

Foi com prazer que vimos voltar a collaborar n' O PAIZ o nosso Arthur Azevedo. Parabens a ambos, mas principalmente ao publico.

Escrevendo a um dos nossos collegas de redacção diz o nosso distincto collaborador Silva Tavares sobre o plebiscito ultimamente encerrado por esta folha:

"Devo dizer-te a minha opinião sobre o plebiscito dos contos e resumo—a dizendo-te que os melhores "conteurs" nossos são Valentim Magalhães, Machado de Assis, Raul Pompéa, Domicio da Gama e Arthur Azevedo. De Machado tudo é bom. Do Dr. Valentim, nos "Vinte contos," chamam a minha attenção "A loucura de um sabio," "O sapatinho do Luiza," etc.; Domicio revelou-se n' "As calças do Manuel Dias"—um primor de estylo suggestivo e sobrio, de um humorismo classico e bom até a chimera!—um portento!

"Raul Pompéa tem um conto digno de quem escreveu o precioso livro do "Atheneu"; chama-se "Grande gala" e sahio na "Gazeta" ha annos, ou na mesma SEMANA, se me lembro.

"Entre o 2º grupo, que devera ser commandado por Aluizio, creio, teriam lugar os "novos," entre os quaes o nosso Heitor Guimarães, que nos "Multicores" tem a meu ver uma pagina de mestre "Um homem superior," não fallando já em outros rapazes de muito talento que cultivam o genero. Os plebiscitos são uteis quando tratam assim de assumpto ao alcance de quantos lêem e podem avaliar do criterio dos votantes. Instruem e educam litterariamente o povo e dão-lhe o amor das suas glorias patrias."

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscriptos, dirigidos ao director d' A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente néditos.

Cada manuscripto será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscripto, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebidades, ricamente emoldura, dos, etc.

A DIRECÇÃO.

Factos e Noticias

Dos Srs. Cateysson & C., proprietarios da excellente typographia "L'Express" recebemos alguns elegantes cartuchos de "confetti" carnavalescos. São redondinhos, leves, de mil cores... Só lhes falta cheirar! Guardámol-os para o proximo carnaval, que promete ser extremamente alegre e animado.

Regressou ha dias da Europa o socio da importante livraria Laemmert e presidente da Companhia Typographica, nosso amigo Sr. Gustavo Massow, cavalheiro muito conhecido e estimado nas rodas litterarias por sua illustração e affabilidade. Damos-lhe as boas vindas.

Sabem qual é o brinquedo mais antigo do mundo? E' a vara de páu com cabeça de cavallo, em que tanto gostam de galopar as crianças. Encontram-se no Museu de Louvre alguns interessantes specimens destas cabeças de cavallo, de que Syracuse, quatro seculos antes da era christã, tinha o monopolio da fabricação.

Eram grosseiramente moldadas em barro cosido.

O invicto e heroico Club dos Democraticos festeja hoje, 20 do corrente com um mirabolante archi-sumptuoso baile o 27º anniversario de sua fundação. Ao grande "Socrates," secretario do Club nossos agradecimentos pelo amavel convite que nos enviou em nome da Directoria.

FOLHINHAS E ALMANACS

Recebemos dos editores em Porto Alegre, Srs Echenique & Irmão, um exemplar do ALMANACK POPULAR BRASILEIRO para o corrente anno.

E' um repositorio completo de indicações commerciaes, tabellas de estradas de ferro, taxas e outras informações sobre a industria e o commercio d'aquelle estado.

Vem ornado de uma parte litteraria bem escolhida, em que figuraos nomes de poetas e prosadores conhecidos e de valor provado, tanto nacionaes como portuguezes, taes como: Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, D. Julia Lopes de Almeida, Fontoura Xavier, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, João de Deus e outros. Uma publicação excellente e que começa bem, pios en-ceta agora a sua existencia.

Agradecidos.

A Companhia Typographica do Brasil mimoseou-nos com uma folhinha de desfolhar para o anno de 1894.

Agradecemos o mimo.

CORREIO

SR. CASTRO CINTRA. — A PEQUENA de V. S. (soneto) não faz travessuras que peçam castigo de palmatoria. E' uma pequena galante e bem educada, benza-a Deus. Sahio ao pae, com certeza; quanto á boa educação, entenda-se, porque quanto á galanteria, que certamente o distingue, nada posso dizer porque não o conheço pessoalmente.

Em todo caso pode-se julgar da arvore pelo fructo.

E' verdade que quem atolar o dente num abacaxi, se não conhecer a arvore, ha de julgá-la um jequitibá no tamanho, e no entanto enganar-se-á quadradissimamente.

Mas, afinal, estou a gastar tanto palanfrorio e não disse ainda o essencial. Olhe, Sr. Cintra, para dizer tudo em duas palavras: A sua pequerrucha cahio no goto cá do Bibi. Portanto...

SR. A. M. — As suas quadrinhas que têm por titulo No TRIBUNAL, não primam quanto á forma, mas têm chiste. Pelo menos, quando não tenham outro merito, tem o da originalidade. Parece-me nova a idéa. Depois tudo quanto traz um ligeiro cheirinho de humorismo é tão raro, que qualquer cousa d'este genero que appareça, ainda que não seja um primor, deve ser logo agarrada pelo pésinho como se faz ao conhecido bacorinho do brocardo. Isto quer dizer que os seus versos não são para desprezar e que, portanto, logo que houver oportunidade, virão elles a lume.

SR. SANCHO PANÇA. — Primeiro que tudo: que novas me dá do D. Quichote? e o burrinho que tanto o aguentou no pellego, mastiga ainda bem a ração que o meu caro Pança lhe não ha de negar?

Continúa Vossa Mercê a esvasiar com a mesma galhardia o seu odre, sempre tumefacto de boa gotta? E os moinhos de vento, recebem ainda a grande honra de um golpe de lança dado pela generosa mão do seu illustre amo? Mas o meu amigo cá por estas alturas, em pleno fim de seculo! Isto é novidade, e não pequena! Ora queira desembuchar. An! logo vi! o meu amavel Sancho deu em poeta! Ora já se viu! Vejamos.

Bravos! um bello soneto!

Mas has de me enganar quando eu for frade! Quem faz tão bellos versos poderá ser Sancho Cabeça, mas Sancho Pança é que nunca!

Vae para a sala de espera o seu mimmo. SR. SILVEIRA NETTO.—O seu conto ou phantasia ou artiguete, intitulado A BORDO, é possível que o publiquemos na COLLABORAÇÃO. Tem uma boa qualidade, quando outras o não recomendem: — é curto.

O seu soneto A MINHA DÔR, fica esperado para quando houver nestas columnas um cantinho disponível.

Agora veja se me deixa ficar com bocca de lacaio, ein?

SR. JOAQUIM TELLES.—O senhor é um benemerito! O senhor é todo uma alma e alma aberta escancarada, escancaradissima ao Bem! Inda não é isto! Arreganhada mesmo, arreganhada é que é o termo proprio. Uma alma arreganhada inteiramente ao Bem!... Um arco de triumpho lhe ergueria eu, se não temesse que o tomassem por gente do arco do Telles. Ainda Telles do arco podia passar, mas a outra denominação, cruces...

Magnanimo cidadão, o soneto que você me mandou de um tal Sr. H. R. e que illuminou um dia as columnas da TRIBUNA de Goyaz, mette, não já num chinello, mas mesmo num tamanco velho todos os sonetos de Petrarcha, Camões e Bocage! Que maravilha! Que Alhambra de rimas! Que penca de bellezas! Que bebedeira de assombros! Que... que... nem sei!... Um horror, uma calamidade de vocabulos bestialogicabumbaticos!...

Olhem-me para isto, pelo amor da Virgem Maria! Olhem-me só para esta... esta... Emfim lá vae!

Salto logo ao fim, porque, do contrario, se eu der todo aquelle nectar a beber ao leitor, elle apanha uma carraspana que lhe ha de pôr os miolos em pandarecos! O que é bom custa caro.

E' comer pouco para não acabar logo. Lá vae:

"E num "catêreté" de espiritos enfermos, Longe... constellações, no almo "can-can" do [Espaço] Cuspein diamantes sobre os descampados ermos!"

Ai! quem me acode! Aqui d'El-Rei que me matam!

SR. S. PINTO DE A.—Antes o senhor nos tivesse mandado uma garrafa de bom leite lá de Minas, do que um soneto aleijado. Não temos aqui muletas para estropiados, meu amigo.

Depois, se o senhor é Pinto, não se metta a cantar de gallo. Faltou-lhe o milho da inspiração. Sacuda fóra a gosma que por ora o está engasgando, tire a pevide do bico, erga a crista (salvo seja) e só então salte ao terreiro.

SR. ALVES MORENO. (Santos)—O nosso director não podia deixar de receber com sympathia a sua carta, tão intima e tão franca. Seus versos não são perfeitos: encontrámos tres completamente errados. Corregimol-os. Podem ser publicados. Mas preferimos publicar outra poesia sua, mais curta, menos chorona. S. S. tem a fagulha, e nós estamos dispostos a auxiliar-lhe a irradiação.

EXMA. SRA. D. C.—A pessoa que tanto deseja conhecer e cujo llvro tanto está agradando, reside em S. Paulo, á Rua de Paraná, 60. Seu desejo acerca das CARICIAS encontra satisfação neste numero. Obrigado pela sua amabilissima carta. (Vê como fui discreto?)

ENRICO.

Tratos á bola

Vós que não tendes stygmas, Decifreadores de enygmás, Que lambeis só mel de páu (Que é petisco nada máu), Vassalos do Logogrypho, Que zombaes de febre e typho, E a pedra philosophal Sempre encontraes, afinal, E a quadratura da esphera; Vinde, ó Fama; vinde, ó Cuéra, O' Gajo, ó Sucio, ó Pimpão, Invencivel esquadrão; Moleques de tres colletes, Cantando alegres mottetes, Tinguazibas juvenis, Que andaes em busca do X, Vinde, e vós tambem, ó barras, Que eu quero ver quem as garras Põe no premio, d'esta vez, Que é de truz e vale tres! E attenção que lá vae obra! Quero ver quem mata a cobra.

(Antes d'isto, aqui, em prosa rasa e que ninguem nos ouça, sempre vos direi que quem a matou da vez passada, fazendo jus ao premio foi Falstaffino, seguindo-se-lhe "Pi," que não pode metter o dente em duas, "Carmen," que tambem errou em duas; K. C. T. A Dôr, idem; "Josephina B.," idem; "D. Joanninha B.;" "Cancurenha;" "Fricassé;" "Thianor Devoto e C^a." e "Henriford.")

As decifrações das charadas mortas são as seguintes:

- 1.—"Ar."
- 2.—"Policiano."
- 3.—"Armario."
- 4.—"Henriqueta."
- 5.—"Luta," "luto."
- 6.—"Frei Antonio."
- 7.—"Queluz."
- 8.—"Rosario."
- 9.—(Problema) Cucui.

Dizer que a 10.^a é "sino" é offender a perspicacia dos meus illustres tratistas.)

Agora entremos em serviço:

LOGOGRYPHO POR LETRAS.

A' MIMOSA

Eu sou flor e bem bonita—5, 2, 3, 4, 9
Que na Italia encontrarás—1, 6, 8, 6
Mas tambem em toda Igreja—8, 4, 6.
Com certeza me acharás.

Em todas nações eu vivo,
Em todas classes estou,—6, 7, 9, 3
Moro no breje, no charco—10, 6, 1, 9.
E ás praias tambem eu vou—10, 4, 3, 4.

Livres filhos das florestas,
Davamos luz scintillante;
Hoje, presos, só brilhámos
Quando nos tiram da estante.

CAMILLINHA.

NOVISSIMAS

2—2—No fim dá e come-se

BENTO ERNESTO JUNIOR.

PROBLEMA



Se ao problema acima posto
Quatorze traços tirar
Logo fructo brasileiro
Com certeza vaes achar.

MARIA P.

ANTIGA

Quem um só tem se diz que é aleijado
E ninguem mesmo aqui jamais duvida:
Mas dizendo tambem que foi medida
Nunca pode o leitor estar errado.—1

Ponde-lhe mais um b, que eu não contesto
Que fosse pobre, e foi; d'isto ha certeza,
E não era dotado de belleza
Quem não tinha p'ra si nem triste resto.—1.

A face da donzella côr de rosa
Torna-se e convulsivo o lindo seio,
Por ouvir do amado em menelo
Uma phrase d'amor tão primorosa.

JOSEPHINA B.

No Brasil a letra grega termina esta
serra—3, 1, 3.

Na Herzegovina a nota musical estu-
dava bella senhora, 1, 1, 2.

Ruim prescripção na Catania é mo-
lestia periodica—1, 1, 1.

URUBU' MALANDRO & RAPA QUELJO.

MICROSCOPICA

—Ta—ra—

Lugar do nosso Brasil
De todos o mais gracil
E de uma belleza rara.

LILAZIA.

Lá vae mais esta que me deu um ami-
go, e que não juro que seja nova:

2—2. Anda e vóa, vóa e anda; não
anda nem vóa.

E agora, para acabar estas cá do fra-
deco:

E' panno fino—2
(Stá na tabella)—1

Diga, menino,
Que folha é ella.

Agora esta, indecifrabllissima! Tão
indecifavel que quem a matar. não
ganha nada:

De vidro é feito,
Tem aço, é liso;
Tudo perfeito
Nelle diviso. . .
'Stá nas alcovas
Das casas ricas
Por sobre escovas
E outras futricas.

E por hoje mais não disse.

SR. NOGUEIRA JUNIOR.—Pode man-
dar os seus trabalhos que serão recebi-
dos com summo prazer.

SR. K. C. T. A. Dôr.—Terei muita
satisfação em receber e publicar traba-
lhos seus.

D. JOANNINHA B.—Cá fico á espera da
sua collaboração.

A minha velha amiga D. Josephina
B. escreve-me em verso, sendo este o
final de sua carta:

"Por isso sua benção rogo,
Meu bom mestre idolatrado,
Me livre do amor, que é fogo,
Que eu me livro do peccado."

Deus a abençoe, minha amavel de-
vota e a livre de outro amor que não se-
ja o de

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

CORAÇÃO
LIVRO DE POESIAS
DE
ZALINA ROLIM
A' venda na Livraria Fauchon. — Preço 4\$000

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FÁBRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Ø PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.